

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2



Edwaldo Costa
(Organizador)

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2



Edwaldo Costa
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T255 Tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil 2 /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-493-1

DOI 10.22533/at.ed.931202610

1. Tecnologia. 2. Estética. 3. Comunicação. I. Costa,
Edwaldo (Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A constante inovação tecnológica tem produzido o ininterrupto avanço da estética comunicacional. Tal fato induz a reflexão sobre como uma age sobre a outra, como se interligam e como evoluem em conjunto.

Novos pensadores se debruçam sobre os inúmeros aspectos de técnicas que conectam à informação e à comunicação, refletindo sobre o aprimoramento, as vantagens e desvantagens decorrentes desta implexa e vasta gama de dados.

Essas reflexões podem ser encontradas na coleção Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil, que chega ao seu segundo volume.

Desta feita, são dezenove artigos, que abordam temas como a descaracterização da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) durante a gestão do presidente Michel Temer, a (Des)Informação na imprensa brasileira, até os memes, como ressignificação de discursos até então dominantes.

O marketing eleitoral, a partir da revolucionária campanha de Barak Obama à Presidência dos Estados Unidos, e o ensino da construção de documentários, são outros aspectos da comunicação social que são ofertados neste volume juntamente como temas que envolvem a engenharia didática da comunicação, narrativas jornalísticas, estéticas, linguagem simbólica, mídias, práticas socioculturais, migrantes venezuelanos, signos, estereótipos, cibercultura, tecnologias da informação, discursos ideológicos, transmídia, empoderamento, gênero entre outros.

Ampliar a noção de tecnologias e estéticas da comunicação no Brasil nos permite, também, conhecer e questionar novas fronteiras entre determinados conceitos tais, já que, nas práticas e teorias emergem o tempo todo. É a partir destas inquietações que buscamos compartilhar novas descobertas teóricas e práticas.

Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A DESCARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO – EBC COM O FIM DO CONSELHO CURADOR	
Luciene Pazinato da Silva Vera Michalany Chaia	
DOI 10.22533/at.ed.9312026101	
CAPÍTULO 2	18
A DONZELA ESTEREOTIPADA: UM ESTUDO DE RECEPÇÃO DO GRUPO <i>IRON MAIDEN</i> NOS PORTAIS G1 E R7	
Fábio Cruz Estevan Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.9312026102	
CAPÍTULO 3	32
A ENGENHARIA DIDÁTICA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL: APRESENTAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PARA O ENSINO DO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL	
Gisele Maria Souza Barachati Thiago Vasquez Molina	
DOI 10.22533/at.ed.9312026103	
CAPÍTULO 4	47
XENOFOBIA CONTRA MIGRANTES E REFUGIADOS VENEZUELANOS ESTIMULADA PELA DESINFORMAÇÃO DA IMPRENSA NO BRASIL	
Edwaldo Costa Nilson Lage Suélen Keiko Hara Takahama	
DOI 10.22533/at.ed.9312026104	
CAPÍTULO 5	59
A NARRATIVA DO EU NO JORNALISMO DE CELEBRIDADES	
Rogério Pereira Borges Maria Ritha Ferreira da Paixão	
DOI 10.22533/at.ed.9312026105	
CAPÍTULO 6	75
ANGELUS NOVUS: CÉU SOBRE BERLIM - ERFARHRUNG X ERLEBNIS	
Ricardo Tsutomu Matsuzawa	
DOI 10.22533/at.ed.9312026106	
CAPÍTULO 7	87
AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DAS CULTURAS POULARES: UM PROCESSO DE DEMOCRATIZAÇÃO OU DE ALIENAÇÃO?	
Fabiana Nogueira Chaves Maurício Pimentel Homem de Bittencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9312026107	

CAPÍTULO 8.....	96
BEM-VINDO AO CLUBE: ANÁLISE DO POTENCIAL IDEOLÓGICO NO DISCURSO HARDCORE	
Samanta Cardoso Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9312026108	
CAPÍTULO 9.....	116
CIBERCULTURA, AUTOMAÇÃO E BIG DATA: A EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A COMUNICAÇÃO E A SOCIEDADE	
Wallace Chermont Baldo	
DOI 10.22533/at.ed.9312026109	
CAPÍTULO 10.....	129
EMPODERAMENTO FEMININO: A MULHER NOS HQ'S CONTEMPORÂNEOS E OS MOVIMENTOS DE FÃS CONTRA A SEXUALIZAÇÃO DAS HEROÍNAS	
Fernanda Rodrigues de Menezes	
Ana Paula Bragaglia	
DOI 10.22533/at.ed.93120261010	
CAPÍTULO 11.....	142
DO RÁDIO À TRANSMÍDIA: A RELAÇÃO ENTRE A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA VALORIZAÇÃO DO GÊNERO SERTANEJO	
Rone Fabio Carvalho Junior	
Maria Sueli Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.93120261011	
CAPÍTULO 12.....	157
JOGO DIGITAL E CIBERCULTURA. A COMUNICAÇÃO UBÍQUA DOS JOGADORES DE <i>INGRESS</i>	
Guaracy Carlos da Silveira	
Marcus Nudelman Trugilho	
DOI 10.22533/at.ed.93120261012	
CAPÍTULO 13.....	175
MEMES E CONTRACULTURA: A RECONFIGURAÇÃO DE NARRATIVAS HEGEMÔNICAS NA SEMIOSFERA	
Tássia Aguiar de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.93120261013	
CAPÍTULO 14.....	186
O BARÁ BARÁ DA ALTA CULTURA, O BERÊ BERÊ DA BAIXA CULTURA COBERTURA DO GRUPO GLOBO SOBRE A MORTE DE CRISTIANO ARAÚJO	
Taissa Maia	
Yke Leon	
DOI 10.22533/at.ed.93120261014	

CAPÍTULO 15.....	200
OS MEMES DE INTERNET E O DEBATE SOBRE O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO DIAGRAMA DE LAWRENCE GROSSBERG	
Thiago de Assumpção Fernandes Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.93120261015	
CAPÍTULO 16.....	214
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA PUBLICIDADE DE BRINQUEDO PARA O DIA DAS CRIANÇAS	
Patrícia Oliveira de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.93120261016	
CAPÍTULO 17.....	227
YES WE CAN: COMO BARACK OBAMA REVOLUCIONOU SUA CAMPANHA ATRAVÉS DO MARKETING ELEITORAL ONLINE	
Yara Therezinha de Almeida Lozano	
Eliane Ribeiro Costa	
DOI 10.22533/at.ed.93120261017	
CAPÍTULO 18.....	235
DRIBLANDO O PADRÃO FIFA: O PROTESTO DO GRUPO PUSSY RIOT NA FINAL DA COPA DO MUNDO 2018 NO INSTAGRAM STORIES	
Lucas Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.93120261018	
CAPÍTULO 19.....	247
ALGUNS USOS DAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO POR MIGRANTES E REFUGIADOS EM CURITIBA, BRASIL	
Álvaro Maximiliano Pino Coviello	
Elisabetta Gola	
DOI 10.22533/at.ed.93120261019	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	259
ÍNDICE REMISSIVO.....	260

CAPÍTULO 3

A ENGENHARIA DIDÁTICA NA COMUNICAÇÃO SOCIAL: APRESENTAÇÃO DE UM DISPOSITIVO PARA O ENSINO DO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL

Data de aceite: 01/10/2020

Data de submissão: 07/07/2020

Gisele Maria Souza Barachati

Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/2415392342053243>

Thiago Vasquez Molina

Universidade Anhembi Morumbi
São Paulo – SP
<http://lattes.cnpq.br/1480336619941274>

RESUMO: Este artigo acadêmico toma as áreas da Comunicação Social e da Linguística Aplicada para a apresentação de um dispositivo – a sequência didática (SD) - para o ensino do gênero documentário audiovisual em cursos de graduação. A partir de aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, para a compreensão do que são gêneros de texto e sequências didáticas - e da Comunicação Social - para a compreensão do gênero documentário e de técnicas de produção audiovisual, pretende-se contribuir com professores da área da Comunicação Social, cujas referências teóricas carecem de instrumentos que visem a uma transposição didática do gênero documentário para o desenvolvimento de capacidades de linguagem e, ao mesmo tempo, de técnicas de produção audiovisual.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação Social; Linguística Aplicada; Sequência Didática; Documentário Audiovisual.

DIDACTIC ENGINEERING IN SOCIAL COMMUNICATION: PRESENTATION OF A DEVICE FOR TEACHING AUDIOVISUAL DOCUMENTARY

ABSTRACT: This academic paper articulates the areas of Social Communication and Applied Linguistics for the presentation of a device - the didactic sequence (DS) - for the teaching of audiovisual documentary in undergraduate courses. Based on the theoretical contributions from Sociodiscursive Interactionism - concepts of genre and didactic sequence - and Social Communication – concept of documentary and audiovisual production techniques, the objective of this paper is to contribute with teachers of Social Communication whose theoretical references lack of didactic instruments for teaching the documentary genre, developing language skills and, at the same time, teaching audiovisual production techniques.

KEYWORDS: Social Communication; Applied Linguistics; Didactic sequence; Audiovisual Documentary.

1 | INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o dispositivo sequência didática, doravante SD, para o ensino do gênero de texto documentário audiovisual, voltado para cursos de graduação em Comunicação Social. Entende-se por SD um conjunto de atividades sequenciadas com o propósito de desenvolver no sujeito capacidades de linguagem (BARROS;

RIOS-REGISTRO, 2014).

A escolha de um gênero de texto, o documentário audiovisual, para o desenvolvimento de uma SD precisa estar relacionada ao contexto social, econômico e político da instituição de ensino em que se quer desenvolver o trabalho, neste caso, uma instituição de nível superior que ofereça cursos na área da Comunicação Social, onde o ensino do documentário faça parte da grade curricular.

A partir do exposto, este trabalho justifica-se por pelo menos duas importantes razões: a primeira, a apropriação da SD como dispositivo de ensino para docentes que atuam em cursos na área da Comunicação Social, para os quais o ensino do gênero documentário audiovisual é necessário e pode ser aprofundado a partir do uso desse instrumento; a segunda, a relevância da construção de SD de gênero para os diferentes contextos educacionais, tanto para os sistemas educacionais mais amplos, quanto para os sistemas de ensino e os sistemas didáticos.

Atualmente, nos diferentes cursos superiores e de pós-graduação na área da Comunicação Social, há um predomínio no estudo das características do gênero documentário e de técnicas de produção audiovisual na formação do profissional dessa área. Todavia, quando esse profissional – já formado – se volta para a docência, há uma escassez de bibliografias que abordem metodologias de ensino específicas para os gêneros da área. É precisamente nesse momento, que a Linguística Aplicada pode se articular à Comunicação Social “emprestando” a esta, ferramentas metodológicas que contribuam com o processo de transposição didática.

Entende-se por transposição didática o “conjunto de transformações que um conjunto de saberes científicos necessariamente sofre, quando se tem o objetivo de torná-los ensináveis e aprendíveis” (MACHADO, 2009, p.52).

O Interacionismo Sociodiscursivo, aporte teórico bastante utilizado em pesquisas na área da Linguística Aplicada, é uma corrente da psicologia da linguagem bastante complexa, cujo diálogo se estabelece com autores de diversas correntes da filosofia e ciências humanas. Esse aporte teórico possui uma vertente didática, que tem desenvolvido estudos para a transposição didática de gêneros, a partir de uma engenharia didática que propõe instrumentos teórico-metodológicos - a SD, por exemplo - para a concretização dos processos de ensino e de aprendizagem. É dentro desta vertente que este trabalho se insere, ao propor o estudo e a descrição de um objeto de intervenção didática - o gênero documentário audiovisual, o qual serve de base para a elaboração de uma SD.

Esta pesquisa também se baseia nos estudos de Melo (2002), Lucena (2012), Gonçalves (2006) e Ramos (2008), pesquisadores no gênero documentário. Segundo Stutz (2014, p.19), “ a literatura específica do gênero em questão parte dos saberes das disciplinas científicas e academicamente validadas, e dos saberes dos

experts que utilizam determinado gênero como instrumento para práticas no contexto social” e, portanto, a contribuição desses estudos é extremamente importante para a construção da SD do gênero em foco.

2 I O CONCEITO DE GÊNERO DE TEXTO

No decorrer da história, nas atividades sociais, foram e são, constantemente produzidas determinadas formas comunicativas, relativamente estáveis, as quais constituem os gêneros de texto.

Os gêneros de texto, enquanto pré-construídos humanos e, portanto, históricos e sociais, são mobilizados ao empreendermos uma ação de linguagem e, ao mesmo tempo, são adaptados às características específicas de tal situação. Logo, apropriar-se desses artefatos torna-se essencial a qualquer pessoa, uma vez que, para que uma pessoa possa se comunicar, ela precisa apropriar-se de um artefato - o gênero - que lhe possibilite empreender tal ação.

Segundo Machado e Cristóvão (2006, p. 551 apud ANJOS-SANTOS; CRISTÓVÃO, 2011, p.263):

(...) os gêneros de texto se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos de uma determinada sociedade, mas que só poderão ser considerados como verdadeiras ferramentas/instrumentos para seu agir, quando esses sujeitos se apropriam deles, por si mesmo, considerando-os úteis para seu agir com a linguagem.

As diferentes esferas de comunicação, isto é, os diferentes campos de circulação das práticas de linguagem, levam a uma constante diferenciação dos gêneros que circulam em cada uma delas. Assim, cada prática de linguagem faz nascer um gênero de texto, que prefigura uma forma de uso da língua e da linguagem (GONÇALVES; FERRAZ, 2014): na esfera publicitária, por exemplo, temos gêneros como os anúncios; na esfera doméstica, os bilhetes; na esfera jornalística, as reportagens; na acadêmica, os artigos científicos, as dissertações de mestrado e assim por diante.

O gênero, portanto, enquanto pré-construído, é objeto de avaliações sociais constantes, o que possibilita a sua permanente (re)constituição enquanto modelo de referência para as ações de linguagem, isto é, o gênero, indexado às situações de ação de linguagem, (re)constitui-se a partir de certos valores de uso de uma determinada formação social e situação de ação linguageira. Desta forma, explica Machado (2005, p.251), os gêneros de texto são produtos sócio-históricos explicativos da ação de linguagem e “a apropriação do gênero é, portanto, um mecanismo fundamental de socialização, de possibilidade de inserção prática dos indivíduos nas atividades comunicativas humanas”.

De acordo com Bronckart (1996 apud MACHADO, 2005, p. 251), “os conhecimentos construídos sobre os gêneros estão sempre correlacionados às representações que temos sobre as situações sociais diversas em que atuamos”, o que possibilita ao sujeito a adoção de um gênero particular e, a seu ver, mais adequado a cada situação. Dito de outra forma: toda ação de linguagem pressupõe a adoção de um gênero de texto pelo sujeito, cuja escolha se dá a partir de modelos preexistentes a determinadas ações de linguagem. Isso significa dizer, em relação ao gênero documentário audiovisual, que o primeiro passo para o ensino desse gênero é a busca de modelos preexistentes para a sua compreensão e caracterização.

2.1 O Gênero Documentário Audiovisual

O documentário configura-se como um dos diversos gêneros de textos que são instrumentos de trabalho do Comunicador Social. Ramos (2008, p. 22) o define como “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo”, isto é, ao contrário da ficção, o documentário estabelece proposições sobre o mundo histórico, assumidas por entrevistas, depoimentos de especialistas, diálogos, filmes de arquivo, cujas diversas vozes falam do mundo, ou de si.

Toda narrativa pressupõe a presença de interlocutores, ou seja, ela é feita por e para alguém, respectivamente, autor e espectador. No caso do documentário, o primeiro é quem define essa intenção e o segundo, é quem percebe essa intenção e consegue diferenciá-la de uma obra ficcional. Melo (2002, p.36) acrescenta:

Vale ressaltar ainda que o mero registro de imagens e sons do mundo não reflete, por si só, o valor do gênero documentário. Exige-se uma intervenção, um posicionamento autoral do documentarista no modo como as imagens e sons se sucedem [...] Para tal, exige-se que o tema abordado seja visto a partir de determinado ponto de vista, que irá se refletir na maneira que o documentarista apresenta os fatos. O efeito de sentido final, portanto, é resultado não simplesmente do que se diz, mas essencialmente de como se apresenta o tema. É justamente nessa relação entre conteúdo e forma (quê e como) que reside o caráter autoral do documentário, marca que elegemos como característica fundamental do gênero.

Os documentários surgiram no cinema, e por isso foram nomeados como gêneros cinematográficos. No entanto, nos dias atuais, existem outras mídias ou suportes nos quais o documentário pode circular, além do cinema: a TV e a internet, por exemplo. Desta forma, nesse artigo, toma-se o documentário como um gênero audiovisual, conforme definição proposta por Melo (2002), isto é, um gênero que não restringe a sua circulação a uma única mídia.

Nesses suportes audiovisuais - TV, cinema e internet - circulam gêneros

ficcionais e não ficcionais. O documentário se enquadra entre os gêneros audiovisuais não ficcionais, uma vez que tem por objetivo o registro do que acontece no mundo real ou histórico. Nas palavras de Lucena (2012, p.10), “em um primeiro momento, o filme documental é visto como um ato cinematográfico”, mantendo-se a sua origem, e depois “passa a ser considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou o mundo histórico) e como protagonistas os próprios ‘sujeitos’ da ação” (LUCENA 2012, p11).

Desta forma o documentário descreve e interpreta o mundo da experiência coletiva, ou seja, um universo relacionado a fatos, lugares, pessoas ou ainda explicações lógicas para determinados acontecimentos. Lucena (2012) explica ainda que o documentário fala ao interlocutor tanto na forma verbal como visual e, de forma direta, faz o público prestar atenção e os convida a se posicionar.

É importante destacar que o documentário é sempre uma síntese da realidade sob a ótica de quem relata aquela história, isto é, é uma representação ou interpretação da realidade na visão do documentarista, criando uma situação nova a partir de uma que já aconteceu. Os documentários são, portanto, “construções da realidade social [...] um processo ativo de fabricação de valores, significados e conceitos” (MELO, 2002, p.29).

Uma vez que o documentário é uma interpretação da realidade sob o ponto de vista do documentarista, esse gênero pode ser parcial e subjetivo, isto é, a opinião ou o ponto de vista de quem produz um documentário pode transparecer ao interlocutor. Ao contrário, na esfera jornalística, busca-se uma suposta imparcialidade, procurando-se informar um fato com maior fidedignidade. Ao futuro profissional de Comunicação Social essa distinção se faz necessária: objetividade e subjetividade.

[...] o documentário é uma obra pessoal, sendo absolutamente necessário e esperado que o diretor exerça o seu ponto de vista sobre a história que narra. A subjetividade e a ideologia estão fortemente presentes na narrativa do documentário, oferecendo representações em forma de texto verbal, sons e imagens. É impossível ao documentarista apagar-se (MELO, 2002, p.30).

Assim pode-se dizer que todas as escolhas e decisões feitas pelo documentarista - planos, ângulos, edição, finalização - são expressões do seu ponto de vista revelando o caráter autoral do gênero. Por mais que no documentário haja uma polifonia de vozes (locutor, entrevistador e entrevistados, depoimentos, voz das imagens de arquivo, diálogos ou monólogos) organizadas de forma estruturada, com a finalidade de construir sentido à narrativa, o posicionamento do documentarista fica explícito no ato de organizar, definir e estruturar essas falas, assinalando e

dando destaque ao seu ponto de vista para o espectador. Nesse contexto, todas as falas conduzem a uma síntese da voz do autor.

Melo (2002) identifica duas linhas de referências em um documentário, a primeira ligada a características de produção, como planos, ângulos, enquadramentos e demais propriedades básicas ligadas aos gêneros técnicos midiáticos audiovisuais. A segunda característica relaciona-se com a realidade dos fatos exibidos e a intenção de retratação da história contada por ela própria: personagens, cenários e registros históricos. Melo (2002, p.25) destaca que essa segunda característica é a que melhor identifica o documentário como um gênero, “é o segundo conjunto de convenções [...] que melhor identifica o documentário como gênero, pois são essas características que garantem autenticidade ao que é retratado”.

Em se tratando da estrutura do gênero documentário audiovisual, pode-se dizer que todos partem de uma ideia, contudo é preciso compreender que a proposição de um tema não é o suficiente para a concretização de um documentário. Segundo Lucena (2012, p33),

Ter uma ideia, no entanto, não significa ter um filme - todos temos grandes ideias e a toda hora. Antes é preciso saber se é possível concretizá-las e como fazer isso. Nesse momento, deve-se recorrer às questões básicas que estudantes de jornalismo aprendem na faculdade para que possam criar suas reportagens e textos:

- O que eu quero mostrar?
- Como eu quero mostrar isso?
- Por que eu quero mostrar isso?
- Quem é meu personagem?
- O que ele vai fazer?
- Como ele vai agir?

Enfim, responder a esses questionamentos auxilia o autor a pensar no processo de construção da obra audiovisual, a partir de duas importantes decisões: a delimitação do tema e a sequenciação das ideias que compoem a narrativa.

3 I MODELIZAÇÃO DIDÁTICA DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

Para a elaboração do dispositivo SD, para o ensino de um gênero de texto, se faz necessária a construção de um modelo didático do gênero que se pretende ensinar, isto é, um estudo prévio, comparativo e descritivo de textos exemplares desse gênero, a fim de identificar suas características estáveis, ou seja, características que

se repetem nos diferentes textos e que, portanto, podem ser ensinadas.

Para a modelização didática do gênero documentário audiovisual, selecionou-se como *corpus* de pesquisa, três exemplares de documentários da série *Coletivando*. Esses episódios foram analisados e, como resultado, elaborou-se o modelo didático do gênero, conforme mostra o quadro abaixo:

CARACTERÍSTICAS GÊNERO DE TEXTO DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL	
	<ul style="list-style-type: none"> Gênero audiovisual não ficcional, que tem como conteúdo temático o registro diverso de fatos, personagens e situações interessantes, que acontecem no mundo real ou histórico. Produzido por um documentarista, que pode ser um jornalista, um publicitário, um cineasta, por exemplo. Síntese da realidade sob a ótica de quem relata a história - representação ou interpretação da realidade na visão do documentarista (autoral), criando uma situação nova a partir de uma que já aconteceu. Por ser um gênero autoral, a subjetividade e a ideologia estão fortemente presentes na narrativa do documentário. Planos, ângulos, edição e finalização expressam o ponto de vista do documentarista, revelando o caráter autoral do gênero. Gênero que pode ser parcial e subjetivo, isto é, a opinião ou o ponto de vista de quem produz um documentário pode transparecer ao interlocutor.
CAPACIDADES DE LINGUAGEM	<ul style="list-style-type: none"> Finalidade comunicativa: expressar um ponto de vista sobre fatos, situações e/ou personagens do mundo real ou histórico, de forma a convidar o público a prestar atenção e se posicionar. Suporte: cinema, TV e internet. Dependendo do suporte, sua circulação pode ser local, regional, nacional ou mundial. Esferas predominantes de circulação: doméstica, educacional, acadêmica, jornalística. Sugere uma organização do conteúdo temático semelhante ao <i>lide/ lead</i> das notícias, respondendo, inicialmente, a perguntas como: o que, quem, quando, como e por quê. O documentarista pode recorrer a diversas fontes de pesquisas para organizar o conteúdo temático, como arquivos, imagens, notícias ou até mesmo pessoas envolvidas com o assunto ou especialistas para coletar as informações. A multissemiotividade do gênero é marcada pelo caráter audiovisual, isto é, pela união de sons e imagens. Presença de fotos, imagens, gráficos, infográficos, vídeos, áudios, entrevistas, tabelas, títulos, subtítulos e legendas, com diferentes tamanhos, formatos, cores e efeitos. Pode apresentar depoimentos - presença de entrevistas. Neste caso, o discurso é indireto, isto é, o entrevistado não olha para a câmera, mas para um interlocutor (repórter, diretor, entrevistador, produtor). Todavia, o discurso do documentário pode também ser dirigido diretamente ao público e, neste caso, o discurso é direto. Discursivamente ideológico, pois sintetiza a realidade sob a ótica de quem relata a história. Presença de elementos não verbais como orientação do corpo, direção do olhar, entonações, pausas, características da voz, aparência física dos participantes, distâncias, atitudes, posturas, jogos de olhares, mímicas e gestos.

Quadro 1: Modelo Didático do Gênero de Texto Documentário Audiovisual

Fonte: Os autores.

Construído o modelo didático do gênero documentário, condição *sine qua non* para a identificação das principais características do gênero e os possíveis saberes a serem transpostos numa SD, passa-se então, à elaboração do dispositivo.

4 I ENGENHARIA DIDÁTICA: O DISPOSITIVO SEQUÊNCIA DIDÁTICA (SD)

O Interacionismo Sociodiscursivo, em sua vertente didática - Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011, p.82) – define a SD como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito”. Uma SD tem a finalidade de ajudar o aluno a dominar um gênero de texto qualquer, que possibilite a esse sujeito escrever ou falar de maneira mais adequada a cada situação de comunicação. Este trabalho deve ser realizado em torno de gêneros públicos que se pretende dominar ou que se domina de maneira insuficiente, dando acesso ao sujeito a práticas de linguagem novas e/ou de difícil domínio.

A partir do exposto, pode-se constatar que a SD, originalmente, não foi elaborada para o trabalho com gêneros audiovisuais, como é o caso do documentário. Desta forma, na articulação proposta neste trabalho entre a Linguística Aplicada e a Comunicação Social, a proposta de SD de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) foi adaptada e recriada, a partir de seu modelo original e de outras adaptações propostas por Costa-Hübes (2014) e Barros (2014). A figura abaixo apresenta o modelo de SD utilizado nesta pesquisa:

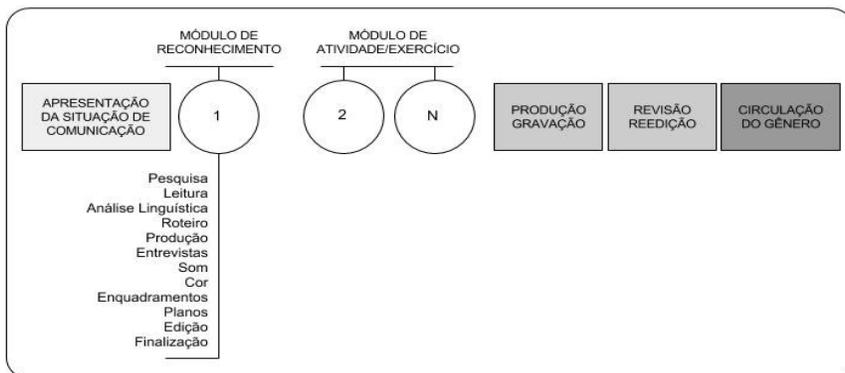


Figura 1: Esquema da SD proposta para esta pesquisa

Fonte: os autores.

A SD apresentada nesta pesquisa considera as condições de produção próprias ao ensino do gênero documentário: a esfera social da Comunicação Social.

O que se propõe é uma adequação dos modelos de SD existentes, ao ensino superior, recriando-se, assim, as prescrições já consolidadas para outros níveis de ensino, corroborando com a noção de que uma SD se constitui como um instrumento de intervenção do professor e, portanto, é passível de várias reconcepções enquanto um processo natural de redefinição do prescrito. Segundo Saujat (2002 apud BARROS, 2014, p.49), “é justamente essa *reconcepção* que garante a saúde, a identidade e a competência do professor”.

É importante ressaltar também que as etapas de uma sequência, independente do modelo escolhido, não são definitivas, isto é, não podem ser tratadas de forma estanque, inflexível. Ao contrário, cada etapa da SD está interligada a outra, devendo ser retomada ao longo de todo o processo, “para que se tenha a compreensão global dos aspectos relativos ao gênero em estudo” (COSTA-HÜBES, SIMIONI, 2014, p. 37), evidenciando-se uma relação dialética estabelecida pelo professor entre a teoria e a prática, bem como um tratamento dialético do conhecimento.

4.1 Sequência Didática (SD) de ensino do gênero Documentário Audiovisual

A SD apresentada nessa pesquisa, para o ensino do gênero documentário audiovisual, foi elaborada para alunos da área de Comunicação Social, cujo ensino do gênero faz parte da grade curricular da grande maioria desses cursos.

As disciplinas que abordam o ensino do gênero em foco, normalmente estão organizadas a partir do quarto semestre, uma vez que os alunos precisam ter conhecimentos prévios sobre teorias da comunicação e embasamento técnico, para a produção de documentários. Dessa forma, esta SD pressupõe que os alunos já tenham uma gama de conhecimentos prévios sobre o tema.

A SD proposta neste artigo, para a apropriação do gênero documentário audiovisual, é composta pelas seguintes etapas: 1) Apresentação da situação de comunicação; 2) Módulo de reconhecimento das características do gênero; 3) 11 módulos (M); 4) Produção, gravação e edição; 5) Revisão/reedição e 6) Circulação do gênero.

Neste artigo são apresentados apenas os objetivos de ensino de cada etapa da SD, salientando-se que o dispositivo completo engloba também as atividades dos alunos, as capacidades de linguagem envolvidas em cada proposta e considerações ao professor.

Apresentação da Situação de Comunicação	
Exposição aos alunos do projeto de comunicação que será realizado na produção do documentário, cujo meio de divulgação será uma decisão estratégica dos próprios alunos. Momento em que a turma constrói uma representação, tanto da situação de comunicação, como da atividade de linguagem a ser executada.	
M I	Objetivos de Ensino: Expor os alunos ao gênero documentário, enquanto prática social, a partir da apresentação de dois vídeos da série <i>Coletivando</i> : “Cinema: do lúdico ao letramento” e “Pais leitores: a leitura em família”; reconhecer características do gênero em foco, a partir de uma pauta de observação de seus elementos estáveis.
M II	Objetivos de Ensino: Organizar as informações coletadas no módulo anterior sobre o tema para a produção do documentário, a fim de trabalhar as ideias, usando a estrutura de <i>lead</i> , que servirão de conteúdo temático para o documentário e elaborar uma sinopse.
M III	Objetivos de Ensino: Retomar as sinopses da aula passada e a partir dos apontamentos do professor, reescrever os textos, caso haja necessidade de alteração. Iniciar o processo de elaboração do roteiro do documentário.
M IV	Objetivos de Ensino: Perceber a importância de se planejar antecipadamente as perguntas de uma entrevista em um documentário. Compreender o importante espaço que as perguntas de entrevista ocupam em um roteiro de gravação do gênero. Perceber que o tipo de documentário - histórico, biográfico, entrevista, espontâneo - determina o tipo de roteiro a ser elaborado.
M V	Objetivos de Ensino: Dar continuidade a elaboração do roteiro de gravação, ampliando o seu conteúdo. Entender o papel do “produtor” em um documentário e a partir daí, planejar a produção do trabalho do grupo.
M VI	Objetivo de Ensino: Concluir o roteiro de gravação do documentário.
M VII	Objetivo de Ensino: Discutir diferentes técnicas para gravação de entrevista como cenário, enquadramento, composição e iluminação. Retomar os contatos com as fontes do documentário do grupo e agendar as gravações, elaborando um cronograma, a partir da finalização do módulo IX. Retomar o impresso do módulo V e preencher os itens 8 e 9.
M VIII	Objetivo de Ensino: Conhecer os equipamentos necessários à captação de imagens, para a produção de documentários. Identificar os equipamentos disponíveis na faculdade e aprender a operá-los.
M IX	Objetivo de Ensino: Conhecer os equipamentos necessários à captação de áudio e sonorização, para a produção de documentários. Identificar os equipamentos disponíveis na faculdade e aprender a operá-los. Iniciar o cronograma de gravações.
M X	Objetivo de Ensino: Aprender sobre a importância das etapas de decupagem, edição e finalização, na produção de um documentário. Iniciar o processo de decupagem, a partir do material já gravado pelos grupos de trabalho.
M XI	Objetivo de Ensino: Organizar uma Comissão, com um integrante de cada grupo, para planejar e executar o evento de lançamento dos documentários produzidos, bem como pensar a possibilidade do uso da Internet nesse processo. Planejar estratégias de divulgação e propagação do conteúdo.

Produção, gravação e edição
Parte prática da SD, isto é, de produção do gênero de texto documentário audiovisual. Os alunos deverão colocar em prática tudo o que aprenderam sobre o gênero e conhecimentos técnicos para a sua produção.
Revisão e reedição
Apresentação interna dos documentários produzidos para uma avaliação pelos próprios alunos e professor, a partir dos registros sobre o gênero produzidos ao longo de toda a SD. Possibilidade de revisão e reedição dos documentários, conforme a avaliação dos trabalhos.
Circulação do gênero
O evento de lançamento dos documentários em si, o que envolve também todas as ações de propagação dos conteúdos a partir desta data. A participação dos alunos se dará tanto na execução do evento, recebendo os convidados e apresentando o material audiovisual produzido, como na propagação dos conteúdos nos meios de comunicação definidos pela turma.

Quadro 2: SD do gênero de texto documentário audiovisual

Fonte: Molina (2016)

5 I CONCLUSÃO

A apresentação da SD para o ensino do gênero documentário audiovisual em cursos de graduação na área da Comunicação Social nos possibilitou chegar a algumas conclusões. Uma delas é que a articulação entre diferentes áreas do conhecimento pode ser bastante proveitosa, como é o caso da Linguística Aplicada e da Comunicação Social.

Embora as características de diferentes gêneros da Comunicação, de maneira geral, já sejam estudadas por alunos em diversos cursos de graduação e pós-graduação, bem como por pesquisadores da área, ao se apropriar de dispositivos didáticos da Linguística Aplicada, sobretudo da Didática das Línguas, o docente pode aprofundar seus conhecimentos, tanto sobre os gêneros de texto, quanto sobre diferentes práticas de ensino.

Um outro aspecto a observar, a partir da SD apresentada neste artigo, é que essa proposta não pode ser considerada definitiva. Embora a SD tenha sido elaborada tomando-se como base as práticas de ensino e de aprendizagem do gênero documentário, em cursos superiores na área da Comunicação Social e as contribuições de diversas disciplinas de referência, ela precisa se adaptar a cada turma de alunos, isto é, a cada contexto específico de trabalho, em cada instituição de ensino superior. Barros (2014a, p.155) afirma que toda SD deve “ser sempre adaptada à situação em que a atividade vai ser desenvolvida”:

Ou seja, a SD não é um manual didático, mas um roteiro de estudo, um planejamento de atividades sistematizadas com foco na apropriação

de um gênero. Nessa perspectiva, o professor tem sempre que: pesquisar sobre o gênero que vai tomar como objeto, a prática social a que esse gênero está vinculado, a sua esfera social de comunicação; identificar o nível das capacidades de linguagem (ou linguagens) dos alunos em relação a esse gênero; decidir as melhores estratégias de ensino a serem desenvolvidas; elaborar atividades apropriadas para cada contexto específico; etc.

O dispositivo SD é, portanto, flexível, o que possibilita mobilidade na sua elaboração. Contudo, a ordem dos módulos de uma sequência, como a que se propôs neste artigo, não é aleatória: certas atividades apresentam-se como base para a realização de outras.

Outro aspecto relevante a destacar nesta conclusão é que, tendo sido a SD elaborada a partir de um modelo didático do gênero documentário, construído através de um estudo prévio, comparativo e descritivo de três exemplares do gênero, isso significa dizer que esse modelo pode ser parcialmente modificado considerando-se que existem variados tipos de documentário que circulam socialmente.

Carmin e Almeida (2015, p.41) explicam que “a produção de modelos didáticos de gênero, muito antes de ‘engessar’ o gênero em um formato prescritivo [...], possibilita ao professor um entendimento aprofundado das práticas sociais de linguagem aí envolvidas”. De Pietro e Schneuwly (2009, p.67) destacam ainda, sobre os modelos didáticos de gênero:

O modelo didático do gênero a ensinar nos fornece [...] objetos potenciais para o ensino; de um lado porque se deve fazer uma seleção em função das capacidades reconhecidas dos que aprendem; de outro, porque não se ensina o modelo como tal, mas antes alguns elementos selecionados através das tarefas e das diversas atividades que os colocam em cena num processo de transposição que os transforma necessariamente. O modelo, portanto, possui uma dupla dimensão generativa, horizontal e vertical:

- Ele permite, para um mesmo público-alvo, construir diferentes atividades de ensino/aprendizagem.

- Ele permite construir sequências de ensino/aprendizagem de complexidade crescente e segundo o desenvolvimento dos alunos.

Quanto ao gênero selecionado para a elaboração do modelo didático e SD - o documentário audiovisual – cabe, neste momento, lembrar as palavras de Carmin e Almeida (2015, p.41) quanto à natureza dos gêneros: “os gêneros de texto são dinâmicos, fluidos e apenas relativamente estáveis. Ou seja: não cabem dentro de *normas* estanques de produção”. Assim sendo, tanto o modelo didático quanto a SD, propostos neste artigo acadêmico, são passíveis de transformações.

Quanto ao contexto didático específico para o qual a SD foi elaborada, cabe

reforçar que esse dispositivo tomou como público-alvo, estudantes de graduação em cursos de Comunicação Social, e não outros. Desta forma, as escolhas dos conteúdos da SD consideraram a especificidade desse público-alvo, isto é, as capacidades de linguagem necessárias aos futuros Comunicadores Sociais, para que possam se apropriar do gênero documentário, considerando-se também as técnicas específicas da profissão.

Por fim, é importante destacar alguns dos desafios encontrados ao longo do percurso de elaboração da SD exposta neste trabalho. O primeiro deles foi pensar o modelo de sequência proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2011) e a sua aplicabilidade à área da Comunicação Social, e não ao ensino de Línguas.

A este desafio chegamos à conclusão de que o modelo proposto pelos pesquisadores de Genebra precisava ser adaptado (ou substituído por outro), tanto em relação às condições de ensino brasileiras, que são diferentes das da Suíça, quanto às condições particulares do ensino em cursos superiores, que são diferentes das condições de ensino do Ensino Fundamental. Também foi preciso considerar as condições dos cursos de Comunicação Social e não dos de Licenciatura, especialmente aqueles com o foco na área de ensino da Língua Portuguesa.

Ademais, somam-se aos desafios enumerados, a dificuldade de se encontrar, nas literaturas de referência sobre gêneros de texto, modelos didáticos de gênero e SD, ancoradas nos aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, propostas de ensino que não estejam voltadas para a produção escrita de textos, ou seja, há uma escassez de referências sobre o ensino de gêneros audiovisuais.

Um último desafio foi a própria elaboração das atividades de cada módulo da SD, para que, ao mesmo tempo desenvolvessem os conteúdos selecionados e assegurassem as características de um dispositivo como a SD. Em cursos na área da Comunicação Social esse dispositivo é pouco ou nada conhecido.

Finalizamos essa conclusão com uma citação de Barros (2014, p.42) sobre o agir do professor e seus gestos didáticos:

O docente apenas cria o seu *estilo profissional* na prática, no seu trabalho diário, a partir de erros e acertos, de adaptações acertadas e frustradas, de sucessos e insucessos, pois o seu “treinamento” é feito a partir da inserção direta na atividade de trabalho (BARROS, 2014, p.42).

Pode-se dizer que um docente da área da Comunicação Social, muito possivelmente, não fará uso de um dispositivo como a SD para o ensino de seus conteúdos. Este artigo procura mostrar que o uso da SD não só é possível, como também é desejável.

REFERÊNCIAS

BARROS, E. M. D. As reconcepções do trabalho docente no processo de transposição didática de gêneros. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Org.). **Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais**. Campinas: Pontes, 2014. p. 41-68.

_____. O gênero textual como articulador entre o ensino da língua e a cultura midiática. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros Textuais: da Didáticas das Línguas aos Objetos de Ensino**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2014a. p. 137-168.

_____; RIOS-REGISTRO, E. S. Apresentação. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Org.). **Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais**. Campinas: Pontes, 2014. p. 7-12.

CARMIN, A.; ALMEIDA, A. P. Modelo (s) didático(s) de gênero: da concepção teórica à transposição didática na formação continuada de professores. In: GUMARÃES, A. M. M.; CARMIN, A.; KERSCH, D. F. (Org.). **Caminhos da Construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 29-46.

COSTA-HÜBES, T. C.; SIMIONI, C. A. Sequência Didática: Uma proposta metodológica curricular de trabalho com os gêneros discursivos/textuais. In: BARROS, E. M. D.; RIOS-REGISTRO, E. S. (Orgs). **Experiências com Sequências Didáticas de Gêneros Textuais**. Campinas: Pontes, 2014. p. 15-39.

GONÇALVES, G. S. **Panorama do Documentário no Brasil**. In: Revista Digital de Cinema Documentário - Doc Online, v.1, n. 1, p. 79-91, dezembro. 2006.. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/01/artigo_gustavo_soranz_brasil.pdf> Acesso em: 02 fev. 2017.

LUCENA, L. C. **Como fazer documentários: conceito, linguagem e práticas de produção**. São Paulo: Summus, 2012.

MACHADO, A. R.; BRONCKART, J. **(Re-)Configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael**. In: MACHADO, A. R.; ABREU-TARDELLI, L. S.; CRISTOVÃO, V. L. L. (Org.). *Linguagem e Educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____; CRISTOVÃO, V. L. **A construção de modelos didáticos de gêneros: Aportes e Questionamentos para o Ensino de Gêneros**. In: Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/349/370> Acesso em: 02 fev. 2017.

_____. A perspectiva Interacionista Sociodiscursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 237-259.

MELO, C. T. V. de. **O documentário como gênero audiovisual**. In: Comunicação & Informação, Goiânia, v. 5, n. 1/2, p.25-40, jan./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ci/article/view/24168/14059>> Acesso em: 18 mar. 2017.

MOLINA, T. V. **Sequência didática para o ensino do gênero documentário audiovisual construída a partir da série Coletivando**. 2016. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.

RAMOS, F. P. **Mas afinal...** o que é mesmo documentário. São Paulo: Senac, 2008.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

_____; PIETRO, J. O modelo didático do gênero: um conceito da engenharia didática. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros Textuais: da Didáticas das Línguas aos Objetos de Ensino**. 2.ed. Campinas: Pontes, 2014. p.51-81.

STUTZ, L. Apresentação do PIBID Letras-Inglês. In: STUTZ, L. (Org.). **Modelos Didáticos de Gêneros Textuais: As Construções dos Alunos Professores do PIBID Letras Inglês**. Campinas: Pontes, 2014. p.17-29. v. 10.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agência Brasil 3, 4

B

Big data 116, 117, 122, 124, 125, 127, 128

C

Ciberativismo 129

Cibercultura 116, 117, 119, 121, 126, 127, 128, 155, 157, 158, 159, 160, 171, 172, 173

Comunicação 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 74, 75, 80, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 131, 133, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 178, 179, 180, 185, 187, 192, 197, 198, 199, 200, 202, 203, 213, 214, 215, 224, 225, 226, 228, 229, 230, 231, 233, 236, 237, 238, 239, 240, 245, 246, 247, 248, 249, 256, 257, 259

Comunicação organizacional 116, 117

Comunicação política 1, 98

Comunicação pública 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17

Comunicação social 3, 9, 11, 13, 14, 31, 32, 33, 36, 39, 40, 42, 44, 140, 161, 171, 185, 199, 225, 259

Comunicação ubíqua 157, 173

Cristiano Araújo 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 197, 198

Culturas populares 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94

D

Documentário audiovisual 32, 33, 35, 37, 38, 40, 42, 43, 46

E

Educação superior 200, 209, 210

Empresa Brasil de comunicação 1, 2, 3, 4, 5, 15, 16

Engajamento 200, 202, 203, 208, 209, 210, 212, 233

Erfahrung 75, 76, 81, 82, 85

Erlebnis 75, 76, 81, 82, 85

Estéticas da comunicação 2

Estéticas da comunicação no Brasil 2

Estratégia 16, 104, 109, 110, 111, 166, 188, 193, 198, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236

Estratégias de comunicação 23, 117, 158, 167, 171

Estudo de recepção 18, 24

Extra 9, 148, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 197

F

Fake News 227, 228

Feminismo 129, 131, 134, 241

H

HQ's 129, 133, 135

I

Interacionismo 32, 33, 39, 44, 63

J

Jornalismo 4, 9, 19, 20, 30, 31, 37, 49, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 144, 186, 213, 252, 259

L

Linguística aplicada 32, 33, 39, 42, 46

M

marketing digital 227, 228, 229, 231

Marketing eleitoral 227, 228, 229, 230, 234

Memes de internet 200, 202, 203, 207, 208, 210, 212

Memória 16, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 93, 148, 154, 175, 176, 177, 182, 184

Mídia e política 147

Migrantes e refugiados venezuelanos 47, 48, 52, 54, 56

Música sertaneja 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 153, 154, 186, 193, 195

N

Narrativa noticiosa 59

Noticiabilidade 59, 60, 63, 64, 69, 72, 186, 197

O

O Globo 141, 179, 186, 187, 190, 191, 192, 193, 197

P

Pierre Bourdieu 186, 187, 192, 197, 199

Política 1, 8, 9, 66, 74, 79, 85, 95, 98, 105, 106, 107, 108, 140, 145, 147, 175, 176, 177, 179, 181, 185, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 211, 212, 213, 227, 228, 229, 231, 233, 244, 245, 251

Produção audiovisual 32, 33, 36

Publicidade 6, 65, 140, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 232

R

Rádio MEC FM 4

Representação de gênero 226

S

Semiosfera 175, 176, 177, 181, 185

Sexismo 129

Sociodiscursivo 32, 33, 39, 44

T

Tecnologias 2, 60, 71, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 97, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 145, 146, 150, 155, 161, 162, 163, 173, 185, 195, 201, 206, 207, 208, 214, 238, 247, 248, 249, 256, 257

Televisão 4, 10, 19, 20, 28, 62, 76, 92, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 155, 179, 187, 189, 190, 199, 214, 215, 216, 217, 221, 222, 224, 225, 226, 229, 238

Transmídia 142, 143, 151, 152, 153

TV Brasil 3, 5, 7, 8, 9, 13, 17

TV NBR 4

W

Walter Benjamin 75, 79, 80, 176, 177, 196

Wim Wenders 75, 76, 77, 78, 86

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Tecnologias e Estéticas da Comunicação no Brasil 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 